

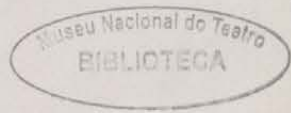
1

O HOMEM DENTRO DO ARMÁRIO

Farsa em três Actos

Miguel Rovisco

1986



5  
131  
12

## PERSONAGENS

UM FIDALGO, possivelmente Miguel de Vasconcelos

UM HOMEM DO POVO, possivelmente o Conde de Vila Alva

UMA MULHER, possivelmente a Duquesa de Mântua

Portugal, 1640

PRIMEIRO ACTO

Um gabinete luxuoso ao entardecer.

Na parede esquerda, uma porta fechada e uma lareira. Na parede direita, uma janela; perto, uma secretária comprida, sobre a qual se encontram unicamente dois tinteiros, um de cada lado, e uma gaiola com um pássaro. Na parede central, duas estantes com livros e um espaço vazio entre elas.

No meio do gabinete, um armário enorme.

Silêncio. De vez em quando ouve-se vento lá fora. Uma rajada mais forte abre a janela com estrondo: um vidro quebra-se.

No mesmo instante abre-se uma porta secreta na parede central, entre as estantes: entra um fidalgo, de capa e de chapéu pouco vistosos, e um homem do povo com o cabelo comprido preso na nuca por um cordel. O segundo traz nas mãos um saco e vem com os olhos tapados por uma venda de pano.

Fidalgo (Com mostras de excitação nervosa.) Raio de Tempo ! (Atira o chapéu para cima de uma cadeira. Para o homem.) Entre, é aqui. Partiu-se um vidro... - frio para esta noite. (Fecha a porta secreta.) Não tire a venda, somente quando eu disser. Raio de tempo ! (Tira a capa, hesita sem saber onde a colocar... acaba por atirá-la para um canto.) O senhor está nervoso ? Não há de quê: é apenas uma noite... - a janela ! (Rápido, vai fechá-la.) Pode poisar o saco, poise-o, poise-o - a venda, quando eu disser, hem ? (Silêncio por parte do homem.) Não responde nada... nervos, com certeza. (Pega num biombo, que se encontrava encostado à parede direita, e abre-o em frente da janela, tapando-a.) Ora, começam-se as coisas a compor ! (Olhando à sua volta.) Este o local de trabalho: que lhe parece ?

O homem do povo larga o saco para o chão e cruza lentamente os braços.

Homem (Com ironia.) Parece-me muito escuro...

Fidalgo - Mas tire a venda, homem: não vai ficar com os olhos tapados a noite inteira !

Eu tiro-lha, que o senhor está nervoso.

Homem - Escusa de me tratar por "senhor".

Fidalgo - Bom... você manda. (Tira-lhe a venda dos olhos.)

Homem - Trate-me por "tu" - já que insistiu em não saber o meu nome.

Fidalgo - Evitemos intimidades. (Bate ~~em~~ os pés no chão, para os aquecer. Depois abre por completo os braços, não escondendo um certo orgulho.) Que tal lhe parece a coisa ?

Homem (Olhando desinteressadamente para o gabinete à sua volta.) Menos mal.

Fidalgo - Um gabinete... - só aquela jarra além, sobre a lareira, vale uma fortuna. É certo. Asseguro-lhe. (Passa pela secretária e com rapidez, dir-se-ia sem dar por isso, muda uma pena do tinteiro da direita para o da esquerda. Perto da lareira, segura na jarra.) Das Índias - uma preciosidade.

Homem - E tudo isto é seu ? (Referindo-se às estantes.) Um fidalgo muito lido...

Fidalgo - De quem seja ou de quem não - pouco importa ao caso.

Homem (Com segurança.) É seu, pois.

Fidalgo - Explique-me esse raciocínio - que talvez esteja errado, note bem.

Homem (Lacónico.) A pena.

Fidalgo (Estendendo a jarra ao homem.) Examine-o: um objecto destes nunca lhe passou pelas mãos - que pena ?

Homem ~~f~~ - Da secretária: mudou-a do tinteiro da direita para o da esquerda. (Pega na jarra sem qualquer interesse.)

Fidalgo - Isso que prova ?

Homem - Percebe-se tratar-se de um tique pessoal. Aposto; sempre que o fidalgo passa diante daquela mesa - a sua mesa de trabalho... (Vai junto dela e muda a pena de um tinteiro para outro.) Sinal de posse - e de nervosismo.

Fidalgo (Meio divertido.) Ainda por cima julga-me nervoso ?

Homem - A beira da histeria.

Fidalgo - Deixemo-nos de parvoíces.

Homem - Um homem medroso é um espectáculo bem lamentável de se ver.

Fidalgo - E agora também tenho medo ? As suas observações são prodigiosas, meu amigo ! (Vendo o homem dirigir-se para a janela.) Nada de espreitar: não convém que nos vejam da rua e, muito menos, que o senhor saiba de que rua se trata.

Homem - "Tu", já disse.

Fidalgo - Repito-lhe que evitemos intimidades. Posso é inventar-lhe um nome. Ao meu canário, por exemplo... - ah, ainda não o apresentei ! (Pega na gaiola.) Eis o meu fiel companheiro: há dois anos que está comigo e todos os dias lhe mudo de nome. Hoje... hoje... - cabe-lhe a si baptizá-lo. Vá, Filipe, baptize a avezinha.

Homem - Que "Filipe" ?

Fidalgo - Para mim, o meu modo de tratá-lo: tão bom como outro qualquer. Dom Filipe, baptize o canário, que o pobre não quererá passar esta noite como se não existisse.

Homem (Encolhendo os ombros.) Bonito, onde eu me vim meter !

Fidalgo (Pendurando a gaiola na parede direita, por trás da secretária.) Gosto sempre de ter um passarinho no meu gabinete: dá um ar de familiaridade que intimida todos quan-

tos me procuram.

Homem - Acertei, eu.

Fidalgo - Em quê ? Ah sim, o tique... (Muda a pena de um tinteiro para outro.) Para não o desgostar, meu amigo.

O homem dá alguns passos pelo gabinete. Atira para o chão o chapéu do fidalgo, que estava sobre uma cadeira, e senta-se nela relaxadamente.

Homem - Muito bonito ! (Pausa. Apontando para o grande armário.) Este, o armário ?

Fidalgo - Você precisa de estar sentado desse jeito ?

Homo - Como ?

Fidalgo - Existe diferença entre uma cadeira e o banco corrido de uma taberna.

Homem - Sobretudo tratando-se do seu gabinete... (Pausa.) Quem és tu, ó fidalgote ?

Fidalgo - Quer-me provocar, está visto.

Homem - Sei que este é o teu sítio de trabalho - todo familiar com a gaiola - , mas ignoro o resto: quem tu és, primeiro; em que local de Lisboa estamos nós, segundo - para que estou eu aqui, terceiro. Mal pago, ainda por cima.

Fidalgo (Sem esconder a vontade de rir.) Patife, grandessíssimo descarado... o que eu já lhe paguei, você não o ganharia trabalhando toda a vida até aos cem anos !

Homem (Tirando muito calmamente uma faca de uma das suas botas.) Cuidado com a língua, fidalgote, ouviste ? Não te assustes, que estou só a ver se a lâmina está polida... - os meus ouvidos são muito sensíveis, compreendes ? Se me trouxeste até aqui de olhos vendados, de certo não queres que eu saiba onde estou - mas também não hás-de querer que os outros saibam da minha presença, não é verdade ? Aliás, da nossa: de nós os dois. Por is-

7

so viemos por uma porta secreta ao tombar da tarde. (Pausa.) Supõe - uma suposição apenas... - que eu chego à janela e me ponho aos gritos, hem? Ou que saio por aquela porta? (Aponta para a porta do gabinete.)

Fidalgo - Está fechada à chave.

Homem - Posso sempre arrombá-la.

Fidalgo - Jogo limpo, então!

Homem - É preferível, fidalgote. Sempre preferível... (Examina a faca com provocadora minúcia e torna a guardá-la.)

Fidalgo - Este é o meu gabinete: não se trata de um assalto. Entrámos por uma porta secreta porque eu não quero que eles saibam que me encontro aqui esta noite.

Homem - "Eles" quem?

Fidalgo (Depois de hesitar, com um gesto vago.) Os portugueses em geral, digamos. Quanto ao meu nome, de nada te serve decorá-lo. Tens um trabalho para fazer em poucas horas: depois de concluído, sais por onde vieste - com o dobro do dinheiro que já te paguei. O necessário é que tudo fique terminado até amanhã de madrugada. (Pausa breve.) Não te convém saber onde nem para quê nem para quem - aliás, combinámos não nos fazermos perguntas um ao outro.

Homem - Bonito!

Pausa longa.

O homem levanta-se e aproxima-se do armário, observando-o de alto a baixo.

O fidalgo senta-se à secretária: pega na pena para mudá-la de tinteiro - "o tique" - , mas pára a meio arrependido, colocando-a onde a tirou.